

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Douglas Max Stopp

MINIMUNDO: A CULTURA DO ARTISTA ATRAVÉS DA CERÂMICA

Santa Maria, RS
2019

Douglas Max Stopp

MINIMUNDO: A CULTURA DO ARTISTA ATRAVÉS DA CERÂMICA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Artes Visuais da UFSM como
requisito parcial para obtenção do grau
de **Bacharel em Desenho e Plástica**.

Orientador: Prof. Dra. Rebeca Lenize Stumm

Santa Maria, RS
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

STOPP, Douglas Max

Minimundo: a cultura do artista através da cerâmica / Douglas Max Stopp 2019, 52p. 30cm.

Orientador: Rebeca Ienize Stumm

Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Artes Visuais (Bacharelado).
Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Curso de Artes Visuais, RS.

© 2019

Todos os direitos autorais reservados a Douglas Max Stopp. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Avenida Roraima, 1000, Camobi, Santa Maria, RS. CEP: 971059-00

Fone (055) 996356690; E-mail: douglasm575@gmail.com

Douglas Max Stopp

**O GRANDE MINIMUNDO: A CULTURA DO ARTISTA ATRAVÉS DA
CERÂMICA ARQUITETÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Artes Visuais da UFSM como
requisito parcial para obtenção do grau
de **Bacharel em Desenho e Plástica**.

Aprovado em

Rebeca Lenize Stumm, Dr. (UFSM)
(Orientadora)

Lutiére Dalla Valle, Dr. (UFSM)
(Primeiro membro da Banca)

Suzana Gruber, Pra. (UFSM)
(Segundo membro da Banca)

Santa Maria, RS
2019

“O ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é uma dádiva. É por isso que se chama presente.”

Mestre Oogway

RESUMO

TÍTULO DA PESQUISA: COMPLEMENTO DO TÍTULO

AUTOR: Douglas Max Stopp
ORIENTADOR: Dra. Rebeca Lenize Stumm

Este estudo, desenvolvido como trabalho de graduação no curso de Artes Visuais Desenho e Plástica, consiste na elaboração de propostas que situam entre a eternidade do objeto cerâmico e a microflora que se transforma e se modifica, que contidas num recipiente de vidro constrói um microecossistema. Sendo assim, objetivou-se construir um processo poético baseado na produção de obras que unam a transformação da visualidade da cerâmica com o microambiente, por meio de objetos de pequeno porte. O estudo dessa pesquisa pessoal foi feito através de experimentações efetuadas durante o ateliê I ao IV, e complementado com o amparo teórico do TCC 1 com o intuito de resgatar a relação do homem com a natureza, pois ele não se sente pertencente a ela. Para tal estudo, procurou-se referências, na história da arte, de artistas que trabalham com os elementos terra, vidro e formas arquitetônicas em pequenos espaços. Foram utilizadas algumas experimentações em cerâmica trazendo como referências templos, catedrais, conhecimentos básicos de arquitetura para a criação da cerâmica que irá fazer parte à minipaisagem, formada por musgos e outras plantas, além do processo de experimentação do barro, como elasticidade extrutura. Esses componentes organizados dentro de um recipiente selado no vidro, simulando a natureza, contará um pouco sobre a vida do artista, que traz fortes bagagens da cultura alemã da Quarta Colônia, a vivência interiorana, além da construção germânica ligada a fortes ritos e conhecimentos ligados à natureza.

Palavras-chave: Cerâmica. Miniambiente. Objeto arte. Arquitetura. Ecologia. Sustentabilidade. Cultura.

ABSTRACT

RESEARCH'S TITLE: COMPLEMENT

AUTHOR: DOUGLAS MAX STOPP
ADVISOR: Dra. REBECA LENIZE STUMM

This study, developed as an undergraduate work in the course of Visual Arts Drawing and Plastics, consists of the preparation of propostasts that lie between the eternity of the ceramic object and the microflora that transforms and changes, which contained in a glass container builds a microecosystem. Thus, the objective was to build a poetic process based on the production of works that unite the transformation of the visuality of ceramics with the microenvironment, through small objects. The study of this personal research was done through experiments conducted during studio I to IV, and complemented with the theoretical support of CBT 1 in order to rescue the relationship between man and nature, because he does not feel belonging to her. For such study, we sought references in the history of art of artists who work with the elements earth, glass and architectural forms in small spaces. Some experiments were used in ceramics bringing as references temples, cathedrals, basic knowledge of architecture for the creation of ceramics that will be part of the minipalagem, formed by mosses and other plants, besides the process of experimentation of the clay, as elasticity extratura. These components organized inside a glass-sealed container, simulating nature, will tell a little about the artist's life, which brings strong baggage from the German culture of the Fourth Colony, the interior living, as well as the Germanic construction linked to strong rites and knowledge linked the nature.

Keywords: Ceramics. Environment. Art object. Architecture. Ecology. Sustainability. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Casa de barro de Max Stopp	8
Figura 2: Biscoito após a primeira queima	10
Figura 3: Início das primeiras apresentações arquitetônicas	19
Figura 4: Vaso cru.....	20
Figura 5: Vaso texturizado	21
Figura 6: vaso com figurativo	22
Figura 7: Peça queimada e revestida com vidrados.....	23
Figura 8: Detalhe das texturas no vaso com uso de vidrados	24
Figura 9: Primeira estrutura com três pilares sustentando a cúpula.....	25
Figura 10: Os quatro cantos do Mundo	26
Figura 11: Vaso arquitetônico	27
Figura 12: O interior	28
Figura 13: O passado da infância	29
Figura 14: Instalação de Anne Katrin Spiess	30
Figura 15: Documentário.....	31
Figura 16: Protótipo do projeto em pesquisa.....	32
Figura 17: Cerâmica com cogumelo	33
Figura 18: Cerâmica arquitetônica	34
Figura 19: Minimundos	35
Figura 20: Detalhe superior da obra.....	36
Figura 21: Detalhe inferior	37
Figura 22: Parte central	38
Figura 23: Vista superior	39

SUMÁRIO

Sumário

1.3 O OBJETO.....	8
1.3.1 A cerâmica.....	8
1.3.1.1 O barro.....	8
1.3.1.2 Moldar.....	9
1.3.1.3 Pintura e esmaltação	10
1.3.1.4 Queima	11
1.3.2 A cultura alemã dos colonizadores da Quarta Colônia e sua arquitetura europeia.....	11
1.4 A ARTE.....	16
1.4.1 Referenciais poéticos	16
2 CAPÍTULO.....	17
2.1 MATERIAIS, FERRAMENTAS E MÉTODOS.....	17
2.1.1 A escolha	17
2.1.1 Experimentação da técnica e construção de uma trajetória	18
2.1.2 Referências de artistas contemporâneos e da história da arte	29
2.1.1 Contribuição da pesquisa e resultados alcançados	31
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O escultor ceramista do barro e paisagista assimila procedimentos técnicos e teóricos, e se apropria de percepções sensíveis, como a estética ou a arte e a própria cultura vivida, para transformar suas imaginações em realidade, em objeto cerâmico inserido numa paisagem que referencia a suas origens. Dentro do seu complexo processo criativo que exige paciência, tempo e dedicação, a peça cerâmica assume uma importância fundamental, pois a partir dela é que se realizam as experimentações, através da modelagem do barro, esculpir e queimar, para que seja durável, impermeável e resistente, ou seja, rígido que se opõe ao microambiente, uma reprodução em escala menor da natureza que é mutável e orgânica e sem controle, pois ela se modifica no espaço dentro do recipiente, enquanto algumas plantas morrem, outras crescem e é possível perceber a vida que vão desde os vegetais até pequenos invertebrados, minhocas, escaravelhos, formigas.

Nesse processo o microecossistema funciona caso tiver elementos como ar, água, minerais e iluminação que sustentam a vida selada no vidro, sendo assim para quem observa o trabalho verá várias imagens, que se alteram e se recriam no passar do tempo.

Este estudo busca juntamente resgatar o pertencimento do homem à natureza através da sensibilidade humana na obra, onde ele pode identificar a cerâmica arquitetônica e perceber os pequenos detalhes para se transportar dentro desse minimundo que é gigantesco e complexo. Esse mundo que é formado por uma microflora (orgânica, mutável e incontrolável) e o objeto cerâmico (rígido, eterno e imutável), não deixando de contextualizar esses e outros processos de manifestação artística, como o paisagismo, a arquitetura de prédios antigos e a cultura junto aos costumes do artista.

Um projeto experimental que combina diferentes linguagens pode ser facilmente confundido como um terrário, artesanato ou uma simples peça decorativa, porém ela passa a ter valor, pois ela é pensada e traz consigo a essência do seu criador que constrói dentro do espaço transparente do vidro sua experiência de vida, que desde pequeno visitava os cemitérios e os vestígios de seus antepassados, e pelo contato com o barro devido a vivência interiorana, a cerâmica passa a ser a principal peça da obra, não desmerecendo o jardim, pois

cada casa alemã havia um jardim cheio de flores que era sempre um local de passagem para todas as visitas. Como mencionado anteriormente o vidro é um elemento que possibilita que plantas possam viver sem a necessidade da interferência humana, como regar, transplantar; o humano existe na forma cerâmica porque é o único animal que constrói templos, casas, prédios, a sua própria sociedade, enquanto os outros constroem fazendo parte da mãe natureza.

Percebe-se que a nossa sociedade não aceita que somos parte da natureza, assim como qualquer animal ou ser vivo, nos vemos superiores a eles por que temos raciocínio e pensamos, construímos grandes cidades de pedras e trabalhamos em um sistema, esta forma de pensamento é de ignorância, pois os animais também convivem em sociedade, constroem e vivem em harmonia com outras espécies. Além disso precisamos entender que precisamos da natureza, pois é ela que nos sustenta, com alimentos e recursos naturais, além belas paisagens e, sendo assim a natureza humana faz parte do ecossistema da Terra.

Dentre os vários assuntos que a pesquisa trata, como a própria questão do culto e respeito a natureza, podemos dizer que vários povos mantinham o contato com a natureza tendo jardins em suas residências, como decoração da casa, mas a que será tratada aqui será o da cultura alemã da quarta colônia, Agudo, que preserva muito dos seus costumes europeus, casas, ornamentos, jardins, entre outros que serão retomados mais adiante. Esses ornamentos, que na arquitetura, são linhas e desenhos de diferentes formas, que tem por objetivo decorar o edifício, valorizando suas fachadas e formas (ORNATO). Para a cerâmica arquitetônica utilizam-se os ornamentos como referências para as peças que com o passar do tempo são aprimoradas tanto em sua estrutura quanto em suas informações decorativas (janelas, portas, pilares, cúpulas).

A cerâmica escultórica apresentada, envolve ornamentos com referência da arquitetura clássica que vai desde os pilares gregos até as fachadas e ornamentos das catedrais góticas. Junto a isso existe a tentativa de aproximar o ser humano à natureza, pois sua relação com a natureza vem se distanciando com o passar dos anos e como o culto a natureza é uma prática comum entre os pagãos, esse laço entre o homem e a natureza acaba encontrando obstáculos, já que o cristianismo admite apenas um deus.

OBJETIVOS

Retomando aos assuntos anteriores, como a cultura alemã, a construção europeia, e o relacionamento desse povo com a natureza de que sou, objetivou-se construir um processo poético baseado na produção de obras que unam a transformação da visualidade da cerâmica com o microambiente, por meio de objetos de pequeno porte.

- A) Pesquisar na história da arte, artistas e processos de referências para a proposta em desenvolvimento.
- B) Perceber os processos artísticos desenvolvidos na pesquisa à cerâmica, à escultura, a cultura e à arquitetura como referência para a construção da reflexão poética.
- C) Produzir e expor publicamente os trabalhos desenvolvidos em pesquisa com a elaboração e reelaboração da reflexão e produção do trabalho artístico.

JUSTIFICATIVAS

É deixado de lado que somos parte da natureza, assim como qualquer outra espécie. A natureza é tão sabia que ela mantém o equilíbrio entre predador e presa, reino vegetal e reino animal, como exemplo temos o elefante, que se alimenta de toneladas de vegetais, no momento que existe a escassez, seca, a manada de elefantes não se reproduz e migra para outras regiões; e como ele é um animal de porte grande e, vive em florestas e savanas, encontram-se em poucos números no planeta, comparado a uma colônia de formigas, onde existe uma rainha e centenas de operários, porém aqui o consumo de alimento e espaço ocupado é pouco devido o porte minúsculo do inseto.

Os animais selvagens, como chamamos, vivem em equilíbrio porque o predador controla a quantidade de uma espécie que se reproduz muito. Percebe-se aqui, que o planeta vive de forma sustentável, no entanto a espécie *homo sapiens* por questões de ganância, egoísmo, necessidade pelo poder de capital, e falta de conhecimento explora a natureza, seus recursos, vegetais e animais para transformar em produtos de comercialização, assim o desequilíbrio se instala, e muitas espécies acabam em extinção. No momento que certas espécies

desaparecerem série de problemas se instalará na sociedade, por exemplo, a abelha é um inseto polinizador, no momento que ela deixar de existir muitas plantas inclusive da agricultura deixarão de produzir, acarretando assim a falta de alimentos. No momento que o trabalho de pesquisa conseguir despertar certos entendimentos sobre como funciona a Terra, pessoas discutirão sustentabilidade, ecologia, a necessidade de racionar o uso de recursos naturais.

A reflexão sobre ecologia e sustentabilidade não é algo novo, proposta de novas relações da arte com o espaço, com o meio ambiente, com o espectador e com a sociedade vieram com a Land Art, que compõe outros movimentos genuinamente como minimalismo, arte póvera, arte ecologia e arte conceitual, onde a paisagem se torna meio da obra de arte recusando museu-galeria, assim o espaço do mundo se comunica com o espaço da obra, interagindo-se e realizando-se através do outro.

Inicialmente é apresentada uma breve descrição do material, técnicas e alguns conceitos, passando para o que se compreende atualmente para compreensão do minimundo criado. Nesta etapa também é apresentado a trajetória do artista que influência sobre o trabalho pesquisado. Posteriormente é descrito individualmente quatro elementos básicos que estão intimamente associados a esse minimundo do artista, a cultura alemã da Quarta Colônia, a arquitetura, o paisagismo e principalmente a cerâmica que serviram como os maiores referenciais à produção deste projeto. E os conceitos do parágrafo anterior são retomados.

O penúltimo capítulo compreende ao processo, aplicação técnica e, criação desses minimundos e cerâmica arquitetônica, na livre experimentação do principal elemento do projeto, o barro. Além de demonstrar algumas imagens e objetos criados com as técnicas cerâmica, escultura e terrário busca-se também verificar a possibilidade de união desses métodos de manipulação em um mesmo projeto.

O presente estudo destina-se aos artistas, artesãos e a população em geral admiradores da natureza e da arquitetura, ou seja, a todos aqueles que buscam experiências de aprendizagem artísticas de processos que se destacam pela força comunicativa dos elementos tridimensionais.

1 CAPÍTULO

1.1 O TEMA

Levando em conta a atual pesquisa poética que busca referências na arquitetura religiosa, como os estilos e ornamentos que decoram e valorizam o edifício, reconhecido como construção humana de grande porte. Além de mencionar a Land Art, que deixa os espaços comuns (galerias, museus e ateliês), existe na história da arte a questão da expansão das linguagens artísticas e, nesta pesquisa, parte-se para a natureza como contexto e para o recipiente como suporte artístico. Assim, a pesquisa investigativa de objetos cerâmicos procura enfatizar a criação de um minimundo, que une as grandes construções do passado (edifícios) com a natureza, dentro de um recipiente transparente que, ao contrário da Land Art, possibilita a mudança de espaço ou de cenário, contanto que o ambiente adquira luz natural de acordo com as exigências das plantas utilizadas..

1.2 TRAJETÓRIA DO ARTISTA

Natural de Agudo, tive contato com o campo, a agricultura e o meu lugar predileto, a natureza, onde minha criança podia ser criativa, usar a imaginação para visitar o reino dos elfos, dos anões, enfrentar grandes dragões, bruxas e várias outras criações de vidas paralelas que existiam apenas na minha imaginação, pois me proporcionavam uma satisfação ilusória, já que eu não tinha contato com outras crianças.

Desde pequeno a relação familiar era muito forte, sempre tive acesso a história dos meus antepassados, pois meu pai me contava dos meus ancestrais, mostrava onde eles viviam quando vivos, onde estavam enterrados, e seus grandes feitos do passado. Durante o ensino fundamental tive que realizar a árvore da família o que me permitiu encontrar minhas raízes, todos os sobrenomes apontavam para o continente europeu, a maioria para a Alemanha. Meus avós contavam como as pessoas viviam naquele tempo, das migrações, e como deviam

se comportar perante aos mais velhos, como nunca se mostrar para a visita, quando havia visita as crianças não almoçavam junto a mesa e sim numa peça separada.

Desde pequeno tive o contato com a natureza, paisagens, riachos que costumava pescar com meus primos. Quando meus avós comemoravam o aniversário toda a família se reunia no interior. Toda criança alemã da quarta colônia aprendia desde cedo a fazer tarefas que auxiliassem aos pais, e conforme cresciam suas tarefas e responsabilidades também.

Conforme eu crescia, minhas ideias de ver o mundo não eram compreendidas pelos meus pais, assim geravam-se conflitos. Sendo assim, me dediquei aos meus estudos, saindo de casa aos 13 anos para fazer o Ensino Médio na cidade. Morei nesse tempo com quatro famílias diferentes onde pude compreender que o mundo é complexo por natureza, sendo uma família que mantinha muito das características e cultura alemã, o que me permitiu aprender mais sobre aquela época.

Em abril de 2013, ingressei no curso técnico em paisagismo, no Colégio Politécnico da UFSM, que me permitiu adquirir conhecimentos técnicos sobre plantas e ambientes, solo, clima e vários outros fatores que carrego como bagagem para minha pesquisa atual. A decisão nesse curso não é por acaso, como toda casa alemã havia um pomar, uma horta de flores e hortaliças, e como eu costumava estar junto da minha mãe, quando ela saía para passear era de costume ver os animais do sítio e a horta/ jardim e sempre era o hábito de levar mudas das flores para casa, sendo assim comecei a gostar de flores, e criei minha própria horta de flores que eu trazia de outros vizinhos ou parentes.

Em 2015 consegui realizar meu sonho de ingressar nas artes, já que no vestibular de 2012 eu não havia conseguido. Pelo menos tive a oportunidade de fazer o técnico em paisagismo, que eu não teria feito se tivesse passado nas artes. O curso de artes visuais - bacharelado em desenho e plástica, me permitiu voltar a explorar a criatividade (que se encontrava adormecida), através das disciplinas de “Fundamentos I” e “Fundamentos II”. O envolvimento na cerâmica ocorreu no ano seguinte, no qual aprendi técnicas básicas, desde a preparação do barro até a queima. A escolha desse ateliê se deu devido eu fazer casas de barro quando

criança para os gatos, além de vasos entre outros utensílios, porém naquela época não conhecia técnicas.

E durante o curso comecei a apresentar resquícios da minha origem no trabalho de pesquisa. O barro por eu já ter familiaridade em manuseá-lo quando criança, a arquitetura européia de vida as meus ancestrais, onde a minha casa de referência é a casa de barro e madeira (FIGURA 1), local onde morava meu tataravô Max Stopp. E nunca esquecendo que os costumes da cultura tiveram interferência no trabalho também. Além disso a natureza, jardins e florestas.

Figura 1: Casa de barro de Max Stopp



1.3 O OBJETO

1.3.1 A cerâmica

1.3.1.1 O barro

A cerâmica é a técnica mais utilizada, onde barro serve de matéria prima para a criação dos trabalhos. O barro, mais conhecido por argila, é formada através da decomposição das rochas feldspáticas (silicatos hidratados de alumínio, ferro, magnésio, titânio, sódio, potássio, entre outros elementos). Cada argila apresenta sua característica conforme o mineral que a compõe influenciando diretamente na sua plasticidade, retração, queima e resistência.

Existem diferentes tipos de barros, cada qual com suas propriedades, para serem utilizadas de acordo com determinada peça a ser feita, variando o modo de modelagem, secagem e queima. O processo de queima, normalmente entre 800°C

e 1.700°C, oferece à argila a possibilidade de se transformar em um material resistente e durável.

O trabalho com o barro é uma técnica antiga, aparece na bíblia que segundo Lima diz “com barro e sopro, um deus ceramista fabricou o homem à sua imagem e semelhança. Na Mesopotâmia, diz-se que os homens foram criados com lama e sangue.”

O barro nos acompanha desde a nossa existência e história. São as antigas crenças e mitos que revelam a participação desse material, assim como o estudo a partir de peças cerâmicas pertencentes a antigas civilizações, que sobreviveram ao tempo para descrever alguns fatos da história.

Para manusear o barro é preciso conhecer suas propriedades e restrições para que não se corra o risco de perder a peça ou até mesmo a produção.

1.3.1.2 Moldar

A forma de utilizar o barro, evolui com o passar do tempo. No início era feita de forma manual, era separado uma quantidade de barro, com ela se fazia uma forma oval com a técnica de rolos que são sobrepostos e depois alizados com o “lambe” ou até mesmo com uma pedra lisa.

Outra técnica é o molde que possibilita reproduzir vários exemplares de uma mesma peça. Geralmente os moldes são feitos de gesso, mas também existem o molde perdido que permite a reprodução de apenas uma peça, pois o molde de gesso é quebrado; molde colado onde a argila é aplicada em sua forma líquida (barbotina) dentro do molde que geralmente é feito em partes e depois amarrado, logo que a barbotina seca a peça é retirada do molde.

A realização de uma quantidade maior de peças em menos tempo foi possível devido o torno de cerâmica.

Os primeiros tornos foram usados na Mesopotâmia cerca de 3.600 anos antes de Cristo para a realização de peças simétricas. Os egípcios foram os primeiros a utilizar tornos movidos com o pé, que possuíam características semelhantes às dos atuais. Nos dias de hoje, há diversos modelos de torno, inclusive elétricos, que dispensam o

esforço físico do artista para proporcionar movimento ao torno. Essa técnica permite transformar um bloco de argila num objeto de formas e tamanhos variados, dependendo da disposição da mão do oleiro sobre o bloco de argila disposto ao centro de um disco em movimento. O resultado é sempre uma forma simétrica, tomando como eixo de simetria o próprio eixo de rotação do torno. (LIMA, 2009, p. 142-143).

1.3.1.3 Pintura e esmaltação

A peça cerâmica precisa estar seca para a queima, pois se tiver húmida no momento da queima com o calor o vapor presente no barro racha a peça. O esmalte cerâmico só é colocado após uma pré-queima, chamada de biscoito conforme podemos observar na Figura 2.

Os esmaltes são formados por substâncias que entram em fusão qual há temperatura elevada formando uma camada vítrea que adere à superfície da peça. As cores dos esmaltes são definidas pelos tipos de óxidos metálicos empregados, tais como cobalto, cobre, níquel, cromo, ferro, adicionados aos demais componentes do esmalte.

A aplicação do esmalte pode ser por imersão da peça num recipiente que o contenha, derramando sobre a peça e escorrendo seu excesso, por pulverização ou ainda com o uso de um pincel. Quando estiver seco estará pronto para a queima.

Figura 2: Biscoito após a primeira queima



1.3.1.4 Queima

Não pode se negar que o fogo auxiliou o homem pré-histórico, possibilitando transformar o barro em cerâmica, uma técnica ao queimar a peça ganha resistência. No início elas eram queimadas numa temperatura muito baixa, em fogueiras, sendo assim a cerâmica continuava porosa e frágil.

Pode se dizer que o forno melhorou o processo da queima e ele é utilizado até hoje. Ele é formado por duas partes, a inferior onde é colocada a lenha que irá queimar as peças que estão na parte superior separados por um piso com furos. Com o tempo esse forno acrescido de chaminés, pois se descobriu a elevação da temperatura através dela.

A partir desses fornos primitivos outros fornos foram criados com câmaras maiores, temperaturas mais homogêneas em seu interior, e usando como combustível não somente a lenha, mas outros como o gás, o petróleo e a eletricidade.

Trabalhar com cerâmica é preciso seguir etapas, muitas delas são demoradas, desde a modelagem até a queima que é lenta, após as peças estarem arrumadas no forno se inicia o processo de queima, ao se elevar a temperatura o vapor ainda existente na peça se perde, esse processo pode levar horas, inclusive o resfriamento.

1.3.2 A cultura alemã dos colonizadores da Quarta Colônia e sua arquitetura européia

1.3.2.1 A cultura germânica

Os imigrantes vindos eram postos à margem, sendo assim não viam a necessidade nem motivação de aprender a língua portuguesa, pois não havia com quem conversar e os brasileiros os viam como intrusos, pessoas de segunda classe, pois assumiam todo e qualquer tipo de trabalho braçal. Já os alemães viam e ainda costumam ver os brasileiros como preguiçosos.

Os imigrantes, por mais que tenham vindo de diferentes regiões da Alemanha e do império da Prússia, se entendiam como irmãos que deveriam enfrentar as dificuldades encontradas juntos. E como Agudo e Paraíso do sul vieram muitos pastores da religião evangélica luterana, a alta língua alemã foi aprendida por todos porque naquele tempo as comunidades se reuniam para agradecer pela produção e saúde, tais costumes ainda se encontram vivos em comunidades pequenas espalhadas nesses dois municípios.

1.3.2.2 A arquitetura

A arquitetura das residências alemãs para o funcionamento da agricultura familiar e de subsistência, era a construção enxaimel, que na Alemanha já tinha tradição milenar, mas que apresentava inúmeros estilos e formas. Rolke descreve:

Tratava-se do madeiramento da casa preenchido com tijolos ou outros materiais, mas deixando a madeira exposta. Cada região da Alemanha, na verdade, tinha as suas características arquitetônicas peculiares. Tudo isto faz com que se tenha dificuldade de descrever de forma sintetizada o que era a casa rural alemã na nova pátria.

Moradias e estábulos ficavam próximos, pois no inverno eles ajudavam a transmitir calor à casa. O sótão servia de local para guardar grãos e o feno para tratar os animais no inverno que ficavam presos no estábulo.

Era em torno da cozinha que se desenvolvia todo o trabalho da casa. Geralmente, encostado à cozinha, ficavam os quartos e a sala de estar. Os quartos não eram lugares grandes e arejados, geralmente não passavam de pequenos nichos, onde só cabia uma cama e um baú, no qual se guardavam as roupas. Muitos nem porta tinham, apenas cortinas. Tudo em função de ter a casa aquecida durante o inverno. Além do fogão, havia também um tipo de lareira, ou forno, no qual se queimava lenha, carvão ou turfa, o que mantinha o ambiente aquecido. (ROLKE, 2016, p. 325).

Diferente da Alemanha, que construía tudo sob um só telhado, na colônia os alemães puderam construir currais, chiqueiros, galinheiros, depósitos

separadamente. Com uma serra, segurada por uma pessoa que ficava por cima da armação e outro por baixo, a madeira era serrada transformada em tábuas para a casa e móveis e com as tábuas menores se fazia o telhado das casas presas as ripas do telhado. O teto costumava ser com dois divisores de água, e no esqueleto das paredes encaixavam-se as paredes e as portas, logo as aberturas da parede recebiam um engradado de galhos finos ou ripas, que eram amarrados com cipós e colocado o barro, onde uns amassavam o barro, pisando com o pé para dar liga, enquanto outros arremessavam contra a grade e em seguida a parede era alisada com as mãos. Depois de seco era feito o reboco com cal virgem.

A maior parte das janelas era desprovida de vidros, logo se usava a madeira de cedro para confecção das janelas e portas, geralmente bem ornamentadas pintadas na cor azul celeste ou púrpura nas casas mais nobres, enquanto as paredes de cor branca. Toda casa tinha a presença de uma varanda que dava acesso a casa através de degraus de pedras, nela também haviam bancos para sentar protegidas por grades cuidadosamente recortadas de forma geométricas.

A cozinha era construída separadamente onde ficava o fogão aceso durante o dia todo, cozinhando os alimentos lentamente, e a dispensa. A comida era feita em panelas de ferro que permitia que ela não esfriasse tão rapidamente e desta forma sempre se estava preparado para um café para visitas não anunciadas.

Ao lado do fogão havia a mesa para as refeições. Sobre o fogão, fixadas nas paredes se tinha hastes onde eram penderados as panelas, conchas e outros utensílios e sobre o fogão também havia uma vara onde se pendurava toucinho e liguica, pois se aproveitava a fumaça que saía da boca do fogão para defumação e conservação da carne. Na dispensa era guardado os alimentos de primeira necessidade, dentro de latas ou em armários, junto as gamelas, máquinas de desnatar leite, recipientes com carne salgada ou frita em banha e coberta por ela.

Como a casa não tinha banheiro, a cozinha era usada como local de higiene corporal, pois estava perto do fogão, para pegar água quente usada para o banho numa gamela de madeira. Por questões culturais trazidas da Europa, onde o clima não exigia banho todos os dias, em Agudo ainda se preservava este costume, em que o banho acontece apenas no sábado, durante a semana se lavava os pés e o rosto para ir dormir.

Dentro da casa era comum ter a foto do dono da casa e de sua esposa em seu dia de casamento, com uma bela moldura, que eram preparadas e vendidas por viajantes, que recolhiam as fotos, pintavam e emolduravam-nas. A confecção destes quadros significava um certo investimento financeiro.

Em geral, tudo era organizado da seguinte forma: nos fundos da casa, construía-se o galinheiro, o paiol, a pocilga, o forno e o local onde se preparava a comida para os porcos, sob cujo teto havia um pequeno depósito de lenha. A lenha para o uso doméstico era buscada aos sábados de manhã, quando se trabalhava só até o meio-dia. (ROLKE, 2016, p. 337).

Na frente da casa as mulheres plantavam flores de todos os tipos. Era comum a troca de mudas entre as famílias, além de ter árvores frutíferas ao redor da casa. Dessa forma o próximo tópico tratará mais a fundo esse assunto.

1.3.2.3 O paisagismo

Ao longo da História os jardins sempre estiveram presentes como testemunha do momento cultural, das riquezas e da religiosidade dos povos.

A paisagem corresponde a uma vista natural e agradável, baseada nas ciências naturais, sociais, tecnológicas, exatas e nas artes, por ser planejada, projetada e implementada. O paisagismo vem trazer conforto, recreação, amenização, circulação, preservação ambiental, integrando o homem a natureza.

São as cores, formas e texturas das plantas, que dão plasticidade, valor estético no espaço que será implementado. Sendo assim, o paisagismo envolve conhecimentos de diversas áreas como Agronomia, Engenharia Florestal (fisiologia, botânica, solos, irrigação, plantas ornamentais, nutrição de plantas...) Arquitetura, Engenharia Civil.

Na antiguidade os jardins ficavam no interior ou no entorno de palácios, plantava-se árvores frutíferas, legumes e flores para alimentação e rituais. Eram caracterizados por linhas retas e formas geométricas devido influência da astrologia e pela crença em deuses, palmeiras, frutíferas, papiros e flor de lótus eram mais utilizadas.

Os Jardins suspensos da Babilônia foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo, por contar com a engenharia devido os terraços que eram irrigados, com plantas dispostas de formas simétricas, e com propósito ornamental.

Os persas representavam seus jardins com elementos da natureza como, fogo, terra, ar e água formada por quatro quadrantes. Já a Grécia antiga valorizava a vegetação nativa e sem interferência humana como locais sagrados que influenciou os romanos que acrescentaram monumentos e estátuas, o jardim passou a ser metódica e ordenado, muros revestidos de trepadeiras, e como a arquitetura era mais valorizada, o jardim servia para embelezar. Também foram eles que inventaram a topiaria utilizando plantas como ciprestes, buxo e louro, sendo assim, os jardins completavam a casa e eram projetados para serem utilizados todas as horas do dia para lazer.

Com a chegada da Idade Média a concepção de jardim passou a ser a simplicidade, plantas úteis para a alimentação, medicinas e floríferas para ornamentação de altares. Nos mosteiros a religião aproximava os monges do paraíso encontrado na Terra. “As pinturas, não testemunharam grande desenvolvimento na arte dos jardins existentes naquela época, fato que segundo historiadores comprometeram a descrição dos mesmos”. (MATTIUZ, 2017, p. 4).

A partir do Renascimento foram criados os estilos de jardins, onde assumiam características próprias de cada país. Como o jardim italiano (volumoso e opulento), jardim francês (vegetação de porte baixo, revelando a grandiosidade das construções) valorizando sempre as formas geométricas e a simetria onde a arquitetura era muito valorizada. Existiram outros como o jardim inglês, o chinês e japonês, o espanhol e árabe.

A partir de 1789 os jardins acabaram sendo influenciados pelas tendências do passado. Como jardim Clássico, o inglês, o tropical, o rochoso, o japonês e o alpino que será o foco, pois como ele é de regiões de clima temperado, como a Alemanha e boa parte da Europa, onde temperaturas mais baixas são predominantes. Assim a seleção de plantas corresponde a regiões frias, como coníferas, hortênsia, camélia, amor-perfeito, magnólia-branca, dentre outras que ainda se encontram presentes em algumas casas da Quarta Colônia.

1.4 A ARTE

1.4.1 Referenciais poéticos

Como mencionado na introdução a Land Art, que compõe outros movimentos genuinamente como minimalismo, arte póvera, arte ecologia e arte conceitual foram utilizando de espaços do meio ambiente e recursos naturais para realizar suas obras.

Pode se dizer que a Land Art deu o passo em direção ao meio exterior, tomando a natureza como material, utilizando a como próprio trabalho. Teve sua partida do minimalismo apoiada na ideia de que a arte deve existir por si mesma, livrando-se de todo e qualquer subjetivismo que possa vir a lhe impor sentido.

1.4.1.1 Minimalismo

A simplicidade das formas na pintura e na escultura era oposta aos valores do abstrato (emocional, subjetivo, espontaneidade do gesto e o improvisado). Os minimalistas cultivaram o objetivo, o objeto criado com matéria real em um espaço real, a composição importava menos que a luz, a cor e as escalas, considerada evolução à estaticidade desses trabalhos.

1.4.1.1 Arte Povera

Termo criado pelo crítico de arte italiano Germano Celant, para reunir sob a mesma denominação certos aspectos da arte conceitual minimalista e performática que repudiam a característica colecionável da arte, eram usados elementos como o solo. A arte ecologia já era uma arte que trabalhava com materiais recicláveis e recursos da natureza.

1.4.1.1 Arte Conceitual

A Land Art muitas vezes pode ser confundida com arte conceitual que é uma corrente artística cuja essência propõe uma nova relação da arte com o espaço, com o meio ambiente, e com o espectador.

2 CAPÍTULO

O trabalho de pesquisa consiste na criação de um minimundo sustentável, com a junção da cerâmica arquitetônica com a miniflora formada por musgos e microplantas contidas num recipiente de vidro. Tem como conceitos a questão sustentável além da identidade do artista, que traçou durante o curso de graduação a técnica cerâmica, que contribuiu para criar o seu processo criativo. Neste capítulo será apresentado os materiais utilizados e será mostrado a trajetória do processo criativo e alguns artistas que contribuíram para a pesquisa, além do trabalho.

2.1 MATERIAIS, FERRAMENTAS E MÉTODOS

2.1.1 A escolha

A escolha de trabalhar com o barro não é por acaso, e sim pelo fato de na infância já ter brincado em fazer potes e vasos, e casinhas, e a outra razão é a facilidade de encontrar essa matéria prima na natureza o que acaba reduzindo o custo de produção. Para essa pesquisa foi utilizada o barro marrom, comum em qualquer lugar da região sul que ao ser queimada fica na cor laranja e o barro branco que é nobre e encomendado de fora, utilizado para fazer peças nobres de cerâmica ou também usado para fazer barbutina.

Apesar de existirem diferentes tipos de barros com diferentes cores e plasticidades, foi escolhido para trabalhar inicialmente o barro comum da nossa região, para não ter muitos gastos e desperdício de matéria prima de alto custo. Esse barro era composto por uma granulometria pequena, sem a presença da areia. Dessa forma se permitia fazer trabalhos com bastantes detalhes, só não podiam ser de grande tamanho devido a falta de estrutura do barro.

Além da escolha do principal elemento do projeto, foi preciso também o auxílio de algumas ferramnetas para a execução das peças. Para esse processo foram utilizadas diversas ferramentas que serão listadas abaixo.

- Estecos: estas ferramentas são utilizadas para esculpir e aparar quando se trabalha com argila, gesso, cera, biscuit, cerâmica plástica, ou qualquer outro meio de modelagem.

- Esmaltes ou vidrado: pode ser compreendido como um vidro que tem por finalidade cobrir determinada superfície: seja cerâmica, metal ou outro vidro.
- Engobes: formada por uma camada de barro colorido, aplicado na superfície da peça, para alterar sua cor ou decoração.
- Fios de nylon: utilizado para cortar o barro em blocos menores.
- Pincéis: utilizado para aplicar os óxidos ou vidrados na peça cerâmica.
- Aventais: é uma peça de vestuário exterior, utilizado para proteção dianteira da roupa.
- Luvas e mascarar: equipamento necessário para trabalhar com alguns óxidos que são tóxicos.
- Oxidos e carbonatos: são os colorantes adicionados ao vidrado.
- Barro: é um mineral de rochas sedimentares composta de grãos muito finos de silicatos de alumínio, associados a óxidos que lhe conferem diversas tonalidades e propriedades.

Também foram utilizados outros instrumentos como o computador, como forma de pesquisa para referências, da câmera do celular para registro do processo de criação desse estudo, fora o recipiente de vidro, os musgos, os cogumelos, o substrato, água, samambaias, entre outros.

2.1.1 Experimentação da técnica e construção de uma trajetória

Esta etapa foi fundamental para compreensão e técnica do projeto foi possível experimentar livremente os métodos de modelagem do barro para novos objetos, e esculturas, durante o ateliê I. Embora essa produção tenha sido utilizada para a criação de novas peças, percebi que elas isoladamente já poderiam ser consideradas composições e utilizadas como objetos de decoração ou o começo para peças bem mais elaboradas.

A primeira técnica utilizada foi a modelagem manual, que pode ser por pressão – também conhecida por ocagem ou paleteado –, por rolinhos e por placas e, também, a modelagem em torno. No ateliê I de cerâmica, aprendi a técnica do ocado, além de macetes de como amassar bem o barro para não deixar bolhas de ar que na hora da queima comprometem a peça, ter estrutura para que ela se

sustente e a costura correta para que ela não corra o risco de soltar depois. Nesse semestre produzi alguns utensílios e explorei a textura nos vasos de cerâmica, e durante o semestre apresentei alguns vestígios de arquitetura, nos desenhos feitos no barro dos vasos e uma miniconstrução que, apesar de ter pequena dimensão, aparentava ser gigante (Figura 3).

Figura 3: Início das primeiras apresentações arquitetônicas



Também foram utilizados a técnica do carimbo, onde se usa a textura de um objeto, a até mesmo criar texturas. Abaixo serão apresentadas algumas imagens que demonstram o processo.

A técnica da batida no barro ainda cru e macio com um pedaço de madeira que possibilitou a criação de novas formas e volumes que mudaram a simetria do pote, também é perceptível a utilização da barbotina branca e texturas feitas com a utilização de objetos que dão a profundidade ao vaso como ilustra a figura 4:

Figura 4: Vaso cru



Texturizar permite criar varias possibilidades, linhas desenhos e profundidades, confira a Figura 5 e 6.

Figura 5: Vaso texturizado



Figura 6: vaso com figurativo



Já no ateliê II me foquei em estudar os óxidos e os corantes aplicados sobre as peças queimadas (biscoito) conforme pode ser visto na Figura 7 e 8, nesse semestre percebi como eles se comportavam em relação a temperatura, a aplicação do vidrado transparente sobre os corantes coloridos e óxidos, a técnica de envelhecimento com a utilização do óxido de magnésio. Em paralelo comecei a utilizar moldes de gesso, também conhecidos como fôrmas, que possibilitam a reprodução em massa. Porém utilizei uma fôrma semiesférica para criar uma cúpula que apoiei sobre 3 pilares e uma base em forma de prato, ilustrada na Figura 9.

Figura 7: Peça queimada e revestida com vidrados



Figura 8: Detalhe das texturas no vaso com uso de vidrados



Figura 9: Primeira estrutura com três pilares sustentando a cúpula



No ateliê III continuei a pesquisa dando atenção à cúpula deixando-a mais ornamentada e aumentando a altura dos pilares. Dos primeiros trabalhos nesse foco, várias quebraram ou se desmontaram por minha falta de noção em estrutura básica, porém descobri como resolver esses problemas, assim consegui fazer uma cúpula sobre três pilares, lembrando a forma de um templo, já visto anteriormente, com um templo menor em cima da cúpula maior, que abriu possibilidade para uma outra peça mais trabalhada, com quatro colunas figurativas de sustentação que sustentavam uma cúpula bem ornamentada, conforme visto na Figura 10 a seguir.

Figura 10: Os quatro cantos do Mundo



Com todos os meus fracassos e acertos, no ateliê IV uni todas as experimentações realizadas durante os semestres anteriores na criação de um vaso todo ornamentado de texturas arquitetônicas, lembrando um templo, com 70 cm de altura, formado por cúpulas, pilares, janelas, um portão central e um templeto em cima da cúpula principal que guarda um sino em seu interior (Figura 11).

Figura 11: Vaso arquitetônico



Durante o TCC 1 foi estudado melhoramentos e formas de apresentar a pesquisa poética. Para isso foi pesquisado referências, artistas que trabalham de forma similar, onde pude melhorar a minha pesquisa e a criação do projeto, que serão apresentados logo mais.

E no TCC 2 assumi minha identidade com a obra, foi aqui que percebi que na obra se encontravam particularidades de etapas que se passaram na minha vida,.Como a vida no interior que serviu de inspiração para o trabalho final como pode ser analisado na Figura 12 e 13.

Figura 12: O interior



Figura 13: O passado da infância



2.1.2 Referências de artistas contemporâneos e da história da arte

Um objeto poético não surge do nada, é preciso buscar informações, trabalhos e artistas que sirvam de inspiração e referência para a produção de arte. Assim é necessário saber o que já foi feito na história da arte e artistas que possuem as mesmas linhas de pesquisa, e só assim, posso ter uma identidade própria. Em outros termos, herdar técnicas ou métodos utilizados para fazer algo e refletir melhorando na minha pesquisa referenciando o artista no qual me inspiro.

2.1.2.1 História da arte

A Land Art é de caráter efêmero e toma como suporte a natureza. Os artistas buscam na natureza materiais, folhas, rochas, galhos, madeira, plantas, para s sua experimentação artística.

Michael Heizer, considerado um dos pioneiros da Land Art realizou no deserto Do Nevada, Estados Unidos, a obra de terraplanagem mais famosa: “Duplo Negativo” (1969). Assim como “O Campo dos Raios” de Walter de Maria realizada no novo México em 1977.

No final da década de 1960, surge uma nova corrente artística chamada “Land Art”, que se utilizava do meio ambiente, de espaços e recursos naturais para a realização das suas obras, conforme Paisana (2004). Não é no recurso que o artista se preocupa, porém com um processo da vida que vai continuar quando o artista se vai.

E Robert Smithson, um dos maiores representantes da Land Art, a “Plataforma Espiral”, de 1970 realizada no Grande Lago Salgado em Utah, Estados Unidos. Utiliza elementos como lama, pedras e cristais de que sal formam um espiral de 460 m de comprimento e 4,5 m de altura no lago, essa intervenção resiste ao tempo até hoje e pode ser vista durante o período de baixa da lagoa.

A Land Art proporcionou (década de 60 e 70) no cenário mundial conceitos sobre ecologia, meio ambiente e sustentabilidade (DIANA).

2.1.2.2 *Artistas contemporâneos*

A arte contemporânea reinventou as fronteiras da produção artística e começou a transitar em novos territórios, fazendo com que as pessoas se questionem sobre as questões ambientais e sociais.

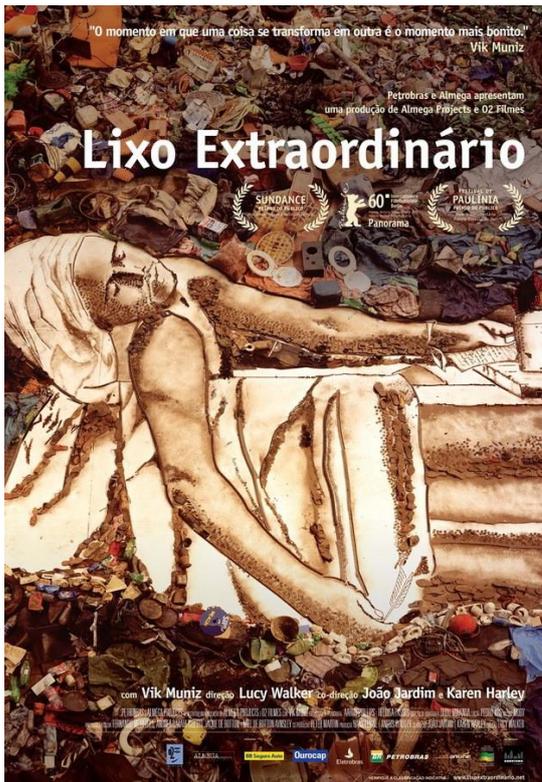
Relacionado a minha pesquisa temos a artista Anne-Katrin Spiess, que faz instalações conceituais com reflexão ambiental. Suas instalações são temporárias convocando a reconexão do homem com o meio ambiente, visto na Figura 14, já que o ritmo atual nos distancia da natureza, dos animais, das paisagens e das vegetações.

Figura 14: Instalação de Anne Katrin Spiess



Fonte: <https://directory.weadartists.org/artist/spiessa>

Figura 15: Documentário



Fonte: <https://www.culturagenial.com/vik-muniz-obras/>

O artista brasileiro Vik Muniz, de certa forma dialoga com minha pesquisa, pois ele cria diversas obras utilizando o lixo (arte ecológica). Seu processo criativo e a relação com a comunidade são documentadas em “Lixo Extraordinário”, feito num aterro sanitário do Rio de Janeiro (Figura 15), o maior depósito de lixo a céu aberto da América Latina. Que incentivou a participação dos catadores, que acabaram sendo fotografados e as imagens reproduzidas em escala gigante, a partir do material coletado no próprio lixão.

2.1.1 Contribuição da pesquisa e resultados alcançados

A arte ecológica, também conhecida por arte sustentável, leva em consideração que toda atividade humana afeta o mundo em torno dela (Enciclopédia Itaú Cultural). Com a criação desse minimundo junto aos pequenos templos, o meu trabalho busca estimular o carinho e o respeito pela natureza, tanto o culto tanto aos templos, quanto a natureza, propiciando diálogos e incentivo a mudanças no comportamento das pessoas perante a natureza e consigo próprio. Promover a educação ambiental como uma ferramenta que busca sensibilizar a reconexão com a natureza como um local tão sagrado quanto os esplendorosos templos.

Não importa aqui, em quantos deuses você acredita, se em um só, se em vários ou até em nenhum. Esse minimundo (FIGURA 16) tentará reaproximar as pessoas da natureza de forma mais consciente, ver que ela é bonita e lembrar as pessoas que não existiríamos sem ela. E como vivemos num mundo rodeado por

tarefas rotineiras, muitas vezes acabamos deixando de ir ao parque, ir acampar, fazer um piquenique, e dependendo de onde as pessoas vivem, muitas vezes a natureza nem está presente, como é o caso das grandes metrópoles; com a realização desse trabalho em desenvolvimento as pessoas podem ter um minimundo dentro de casa para cultivar, apreciar e refletir.

Figura 16: Protótipo do projeto em pesquisa



Como a natureza e a arquitetura sempre foram motivos recorrente nos meus trabalhos durante a graduação, optei por escolher esse tema como prioridade em meu trabalho.

Neste trabalho final de graduação me apropriei da técnica cerâmica, construí miniarquiteturas, que lembram construções europeias clássicas, e uni a natureza, dentro de um recipiente de vidro. A cerâmica se apresenta sempre perene, já os musgos como representação da natureza sempre estão em contante transformação, cada dia, mês, ano que se passa a obra sempre estará modificada.

Na história da humanidade, artesãos, arquitetos, artistas sempre lutaram contra a morte, o esquecimento, para isso construíram grandes monumentos como as pirâmides do Egito, Machu Picchu, as Muralhas da China, Stonehenge e muitos

outros. Muitos deles conseguiram, pois muitos desses monumentos ainda resistem ao desgaste do tempo. Além disso o homem complementou suas construções com a criação de jardins, trazer a natureza para dentro do lar. Percebeu-se que na evolução dos jardins o homem sempre tentou dominar a natureza, com topiaria, determinar onde a planta seria plantada, mas a natureza é incontrolável, ela apresenta suas próprias regras, cresce como quer, e apresenta varias belezas e também pode ser destrutiva, pois o homem não tem controle sobre o granizo, tempestades, furacões, enchentes.

No trabalho proposto por mim é possível um certo controle, pois posso decidir sobre a obra como controlar esse miniambiente que é coposto por minerais, água, plantas, e alguns seres microscópicos, pois esse ambiente simula a natureza numa escala menor. Esse controle é possível devido ser um sistema fechado, ele apenas precisa de luz natural, caso contrário esse minimundo sucumbirá, e apenas restará a cerâmica arquitetônica como prova do tempo. Confira as Figuras 17,18,19, 20, 21, 22 e 23 em seguida do trabalho final de graduação.

Figura 17: Cerâmica com cogumelo



Figura 18: Cerâmica arquitetônica



Figura 19: Minimundos



Figura 20: Detalhe superior da obra



Figura 21: Detahe inferior



Figura 22: Parte central



Figura 23: Vista superior



Durante o curso, alguns dos trabalhos foram expostos no MASM (Museu de arte de Santa maria) coletivamente com artistas plásticos de Santa Maria, na sala janine Viero em 2017.

Desde 4 de novembro ate 1º de dezembro de 2019, os santa marienses puderam prestigiar uma exposição promovida pela Prefeitura, por meio do Museu de Arte de Santa Maria (Masm). A mostra “Coincidência”, que esteve exibida na Sala Monet Plaza Arte, do Monet Plaza Shopping (Avenida Fernando Ferrari, número 1483, Bairro Nossa Senhora de Lourdes). Essa exposição contou com quatro pesquisas visuais diferentes, mas, que se correlacionam e dialogavam entre si, seja pelas narrativas, pelas temáticas ou pelo modo de pensar essas produções. Nessa exposição participara os artistas das obras: Douglas Max Stopp, Lucio de Sá Menezes, Maíra Velho e Pedro Henrique de Carvalho.

CONCLUSÃO

Este projeto foi um grande desafio, visto que pouco se sabia sobre a cerâmica e a arquitetura, e além disso fez eu olhar para a bagagem cultural que carregava comigo. Ele exigiu muito tempo, dedicação e estudo para aprender as técnicas de cerâmica para que eu pudesse encontrar uma linha de pesquisa.

Apresentando esses métodos tradicionais da cerâmica, e olhar para as outras linguagens como a cultura alemã, o paisagismo e a arquitetura a partir da cerâmica, fez perceber sua história, procedimentos técnicos, simbologias, e olhar o passado da família, as paisagens de origem que serviram de suporte para a realização do projeto de pesquisa. Além disso observou-se que cada trabalho tem o potencial de resgatar da memória do apreciador alguma referência vivida, servindo de gatilho para lembrar e identificar boas lembranças vividas no passado pela pessoa.

Considerando o que já foi produzido nas artes, tanto na história da arte quanto na contemporaneidade e artistas que desenvolveram trabalhos semelhantes, e, que se relacionam com o meio ambiente, buscando a sustentabilidade e que buscam evocar uma sensibilidade quanto a reconexão do homem com a natureza. O trabalho buscou por bibliografias da área das artes visuais no que tangia as peças cerâmicas junto a uma paisagem criada pelo método de diorama/ maquete e terrário. Resultou numa reflexão escrita que contextualizou a proposta de pesquisa, tratando brevemente a arquitetura, a cultura da Quarta Colônia Alemã, a vegetação, a ecologia, a sustentabilidade e suas repercussões

O desenvolvimento desses minimundos serviu como experiência sensível e enriquecedora, acrescentando conhecimento e admiração sobre a linguagem cerâmica. Por isso, acredita-se que o trabalho atingiu seus objetivos, oferecendo tanto questões teóricas quanto procedimentos práticos sobre cerâmica e escultura tornando se útil no contexto educativo.

Ainda serviu se percebeu, a exigência dos professores faz com que cada dia nos superamos, dar o melhor, e nunca parar de fazer o trabalho melhor que o anterior. Executar esse projeto, fez com que eu me entregasse a esse processo. Eu não preciso continuar essa pesquisa e superá-la sempre, mas o que aprendi que com as formações que tenho, e bagagem estou apto a enfrentar novos desafios

da vida. De certa forma construí um senso crítico para aproveitar as oportunidades, e perceber que nem tudo o que vale como ciência hoje é para sempre, o mundo assim como as miniplantas contidas no vidro, se transformam porque ele é flexível, ou seja, independente do que faço hoje ou no que trabalho, todos os conhecimentos adquiridos nunca serão um peso, muito pelo contrário, só tem a contribuir.

Criar “o grande minimundo” me habilitou a sensibilidade, a criatividade que pude deixar para as próximas gerações uma parte de mim, nada na vida vem pronto, caso contraria nasceríamos comum manual de instruções, passar pela experiência de vida é o que nos faz amadurecer.

Desse modo, abre-se aqui a possibilidade de novos estudos sobre o mistério de criar pequenos mundo dentro de um vidro. Possibilitando que esse trabalho seja mais divulgado e analisado, e dado novas soluções para alguns problemas que ainda não foram resolvidos. Espera-se que esse trabalho final de graduação, com um breve foco a cerâmica e natureza possa despertar o interesse dos futuros acadêmicos, não importa o curso e sim a vontade de investigar algo novo.

REFERÊNCIAS

DIANA, D. Land Art. Disponível em < <https://www.todamateria.com.br/land-art/>>. Acesso em 25 jun. 19.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Arte e meio ambiente: grandes vertentes e poderes questionadores. Disponível em < <https://www.ecycle.com.br/3961-arte-emeio-ambiente-ambiental-sustentavel-sustentabilidade.html> >. Acesso em 22 jun. 19.

LIMA, C. C. **Métodos e processos**. Francisco Brennand: aspectos da construção de uma obra em escultura cerâmica [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 200 p. ISBN 978-85-7983-040-2. Available from SciELO Books .

MATTIUZ, C. F. M. **Introdução ao paisagismo**. Disciplina LPV 0408 Paisagismo.

ORNATO. Restauração de Ornamentos. Disponível em < <http://www.ornatoarquitetura.com.br/ornamentos/>>. Acesso em 8 jun. 19.

PAISANA. Land Art. Disponível em < <https://www.ufmg.br/museumuseu/paisana/html/leituras/landart/01txt.htm> >. Acesso em 24 jun. 19. SILVA, K. C.

ROLKE, H. **Raízes da imigração alemã**: História e Cultura Alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SAMMARCO, Y. M. Relação Ser Humano e Natureza: Um Desafio Ecológico e Filosófico. Disponível em < <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/17398/pdf> >. Acesso em 26 jun. 19.